



Confederazione Mondiale Mornese Exallieve ed Exallievi delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Via Gregorio VII, 133 int.4/sc.B 00165 Roma
Tel.06/63.56.92 Fax 06/39.37.51.31 C.F. 97070250580 www.exalliefma.org

MARIA DOMINGAS MAZZARELLO MULHER SEMPRE ... UM PASSO À FRENTE

VII Congresso Internacional de 30 de julho a 2 de agosto de 2021
Confederação Mundial Mornese Ex-alunas/os das Filhas de Maria Auxiliadora

Prof. Federica Storage

Para começar a delinear a figura de Maria Domingas Mazzarello, leiga, empreendedora criativa no seu tempo, mulher resiliente que soube reinventar-se após ter sido atingida pelo tifo. Parece-me interessante referir aqui as palavras de um discurso do presidente Mattarella, dirigido às mulheres que receberam, este ano, a *Mela d' Ouro* no contexto do Prémio intitulado à empresária Marisa Bellisario. Palavras de hoje, que, de certo modo, me fazem evocar a atualidade da figura de Maria Domingas Mazzarello. Referindo-se aos prémios, o presidente destacou:

"Expressam, por um lado, mais do que a reivindicação de uma autêntica condição de paridade, a consciência de que a igualdade efetiva entre mulheres e homens faz crescer o nosso país, provoca, produz, determina o crescimento social, económico de vida do nosso país (...). Sublinham como foi e está em curso, um forte crescimento do papel feminino, mesmo que haja ainda disparidades e condições a eliminar. Desigualdades e condições a remover que surgiram posteriormente, de forma ainda mais grave, devido à crise, após a pandemia.

E é também paradoxal porque, durante a pandemia, em todas as frentes mais importantes e significativas, mesmo as mais expostas e mais arriscadas no combate ao vírus, a função das mulheres foi particularmente alta, forte e intensa" (1).

Empreendedorismo, portanto, que afeta o crescimento do contexto social, **resposta resiliente** e tenaz num contexto pandémico, necessidade da **corresponsabilidade feminina e masculina**: três elementos, dentre muitos, que emergem na leitura dos acontecimentos de Maria Domingas, tornando-a modelo de desafios, percursos e perspetivas, hoje mais do que nunca, para toda a Família Salesiana e, em particular, para Ex-alunos e Ex-alunas.

Precisamos de "partir" das ... origens, ou seja, do contexto familiar de Maria Domingas, primeira escola de vida e de educação à fé. Evocação que nos interpela fortemente, e nos leva também a refletir sobre a função da família (a nível pedagógico-formativo e, por isso, social).

1) A importância da educação à fé na família

Maria Domingas nasceu a 9 de maio de 1837, filha de Giuseppe Mazzarello e de Maria Maddalena Calcagno, em Mornese, fração dos Mazzarelli, a primeira de sete filhos, logo batizada. “Bebeu” a fé cristã com o leite materno e os cuidados do pai. Os pais, camponeses, possuíam uma **fé cristã, profundamente enraizada, vivida no cotidiano.**

Maria Domingas viverá e fará sua, precisamente esta característica, adquirida na família: fé e trabalho, devoção autêntica, mas essencial (mostrará o seu desagrado pelos "excessos" de devoção, vividos no período que passou na casa Bodrato: "É verdade que eu gostava de ser boa, mas sem ficar todas aquelas horas na igreja e de ser demasiado vista por todos") (2).

Nota interessante: desde criança, desenvolveu uma devoção particular a Maria Auxiliadora, alimentada também entre o povo mornesino, graças ao afresco da capela muito próxima (a cento e vinte passos, escreve Maccono) da sua casa, culto fortemente desejado por Pio VII, após as guerras napoleônicas. Maria Domingas cresce sob o olhar da Auxiliadora.

Alegre, inteligente, arguta, bem depressa aprende a cuidar dos afazeres domésticos e a cuidar com responsabilidade dos irmãos mais novos.

Como todas as mulheres da época, especialmente aquelas pertencentes às classes menos abastadas, ela não podia frequentar a escola. Era **analfabeta**, mas o seu pai ensinou-lhe noções básicas de leitura, escrita e aritmética (o primeiro regulamento da escola é a Lei Casati de 1859 e é ineficaz). As mulheres não estavam destinadas a estudar, a menos que viessem de família rica e pudessem pagar uma educação particular.

A sociedade era patriarcal, o chefe de família decidia por todos, as jovens não podiam escolher livremente, a não ser dedicar-se aos assuntos femininos, em casa ou no campo, casar e ter filhos. Muitas vezes eram maltratadas até em casa, os homens (que, no campo costumavam beber ... muito) consideravam-nas quase como "objetos" e, principalmente as jovens mais novas, muitas vezes inexperientes pela situação de ignorância em que eles viviam, arriscavam arruinar a sua reputação apenas por namorar um colega e, eventualmente, uma gravidez indesejada, eram motivo suficiente para destruir uma existência.

Já na família, por isso, Maria Domingas:

vive uma fé que se conjuga com o trabalho quotidiano e é essencial: afastada tanto da ostentação, como do rigorismo jansenista;

aprende o cuidado e a atenção às necessidades das pessoas ao seu redor, identificando-as antes mesmo de ser "solicitada";

profundamente enraizada na sua terra e nos ritmos da vida camponesa, aprende a importância da espera, da paciência, da laboriosidade e da sobriedade que também depende dos tempos da natureza, aprendendo a conceber a criação como dádiva. Uma “sustentabilidade” *ante litteram* que usará com frequência, operacionalmente e sob um ponto de vista educativo;

assume a responsabilidade para com os que lhe são confiados, desenvolvendo uma espécie de “liderança”, já inata na sua natureza, mas amadurecida no seu ser, na família, como irmã mais velha em quem a mãe confiava plenamente;

adquire resistência e tenacidade num contexto de trabalho e fadiga. Em 1843 a família mudou-se para Valponasca, propriedade do Marquês D' Oria, cuja vinha e relativa casa de campo o pai tinha alugado.

Em 1850, pediu permissão ao pai para trabalhar no campo, despertando, primeiro o espanto dos trabalhadores e, depois, o seu aborrecimento. Pois, Maria Domingas trabalhava melhor e mais do que os homens, tanto que o pai teve de lhe dizer que "levasse as coisas com menos força" (3) porque os operários abandonavam a Valponasca, humilhados pelo confronto com uma jovem que, nos momentos de pausa, rezava no meio dos vinhedos e, depois, ainda trabalhava quando voltava para casa, para ajudar a mãe nas lides domésticas;

compreende a importância da cultura;

Todos estes “elementos” que, mais tarde, contribuirão para a sua formação e que serão evidentes na sua pedagogia e no seu trabalho com as meninas da Oficina e do Oratório.

2) O tifo: trampolim de lançamento para uma nova “aventura” espiritual e empresarial *(o ramo é podado para que dê muitos frutos)*

Em 1858 a família Mazzarello transfere-se da Valponasca para Mornese após ter sofrido um roubo.

Entre 1850 -1860 deu-se a segunda guerra de independência e as repercussões da instabilidade política e económica fizeram-se sentir também em Mornese, onde eclodiu uma epidemia de tifo (já em 1836 o país tinha sido atingido pelo cólera). O Covid de ontem, numa sociedade empobrecida pela guerra, pela pobreza onde havia pouquíssima medicação e nenhum tampão, vacinas ... (como hoje, em algumas áreas do mundo, afinal ...)

Como se sabe, a doença atingiu também a família de um tio, cujo paciente mais grave era a mãe, ou seja, o "motor organizativo" da unidade familiar. A mulher pede a presença de Maria, sua sobrinha. don Pestarino inicialmente hesita, consciente do perigo. Maria tinha já aderido à "Pia União das Filhas da Imaculada" e, pelo Regulamento, devia, por obrigação, assistir os enfermos do país. Por isso, o diretor espiritual de Maria Domingas, foi até à casa da jovem (tinha 23 anos na altura), para lhe pedir aquela obra de caridade.

Por receio, os pais recusam imediatamente. Mas, por fim, o pai deixa à filha a liberdade de decidir:

“Mandar a Maria para lá, não, nunca: no entanto, se ela quiser ir, eu não me oponho” (4).

Maria Domingas aceita, mesmo que esteja absolutamente certa de contrair também ela a doença. Vai para casa dos familiares, é eficiente, capaz, atenta, incansável no cuidado dos enfermos e em consolá-los, orientando-os para a oração confiante até que, terminada a sua tarefa, o tifo contagia-a. A jovem fica gravemente doente, tanto que se temia pela sua vida. No entanto, ela enfrenta a doença com coragem, abandonada, confiante à vontade de Deus, teve de enfrentar uma longa convalescença para se aperceber, depois de meses, que a sua vida não será mais como antes. O seu físico tornou-se irremediavelmente frágil: "As suas forças não voltaram a dar sinais de recuperação" (5). Maria Domingas já não poderá voltar ao trabalho no campo. Na verdade, Deus tinha-lhe preparado um novo ... campo de trabalho.

E, em vez de ficar abatida, ela reage. A doença torna-se para ela um novo ponto de partida, a fragilidade uma oportunidade, a força para deixar agir a Graça ("*O meu poder manifesta-se, de facto, plenamente na fraqueza*", São Paulo 2Cor 9).

“Se eu soubesse de costura... poderia juntar muitas” (6). O seu pensamento eram as meninas.

Pano, agulha e linha: fariam de Maria Domingas, daquele momento em diante, uma verdadeira empresária, cujo objetivo era claro desde o início: ela prepararia as jovens para o trabalho num contexto educativo que formaria boas cristãs e mulheres autónomas, práticas, nunca mais totalmente ignorantes (valoriza muito a cultura), capazes de reflexão e discernimento.

Como boa gerente, envolve, no seu projeto empresarial, a inseparável Petronilla e Don Pestarino.

Inteligente e prática, Maria Domingas já havia decidido que iriam aprender a profissão com o alfaiate da aldeia, Valentino Campi, pessoa de confiança em todos os aspetos (bom cristão, pai de família, competente no ofício). Em todo o caso, não era comum, para dizer pouco, que duas raparigas fossem a uma loja de homem, mas os motivos desta escolha, que ao princípio suscitou a troça do povo de Mornese, fizeram o que hoje poderíamos definir como um excelente "plano de negócio" e tornaram Maria Domingas ainda mais determinada.

- Com o alfaiate, as duas jovens, aprenderam, de facto, a:
- Avaliar a qualidade, o valor e o preço dos tecidos (o alfaiate, de facto, vendia tecidos), competência que lhes serviria quando trabalhassem em autonomia, também para elaborar o seu tarifário;
- Cortar e costurar roupa de homem (mais difícil, mas mais lucrativa);
- Fazer os trabalhos mais simples, encomendados pelas mulheres ao alfaiate, com que o homem não conseguia ocupar-se (tinham tentado experiência de trabalho noturno por conta própria e ter-se-ia "preparado" uma clientela feminina para o futuro do país e arredores);
- Não fazer concorrência à costureira local (que, quando se transferisse, para outro lugar, deixaria os seus clientes e a Oficina a Maria Domingas).

O objetivo era alcançar a independência: na segunda metade do século XIX, numa pequena cidade do interior no sul do Piemonte!

Depois de aprenderem o ofício, Maria Domingas e a amiga, puderam:

- Alugar uma Sala por sua conta;
- Aceitar as jovens que queriam aprender a coser (com o objetivo principal de as proteger dos perigos e conquistá-las para o Senhor);
- Conseguir a independência econômica para seu sustento, sem depender das famílias de origem.

Um projeto que... era impecável, mas acima de tudo absolutamente inovador. Estava realmente à frente do seu tempo, numa sociedade em que a autonomia feminina não era contemplada em nenhum ponto de vista e, muito menos, na separação de suas famílias num contexto diferente do casamento.

Porque o último ponto do plano elaborado por Maria era a separação, primeiro gradual e depois definitiva das respectivas famílias de origem, o consentimento chegaria também, como tinha acontecido antes com Giuseppe, o pai de Maria, que permitira ir trabalhar no alfaiate da terra, e, depois, pelo pai de Petronilla, que tinha contra ele a zanga das suas cunhadas. Mas foram os chefes de família que decidiram e ambos, com o acordo de don Pestarino, aprovaram o "projeto pastoral empresarial" de onde surgiria, naquela altura, ... uma realidade que ninguém imaginava.

3) Maria Domingas e a sua relação de respeito e autonomia para com os homens

Maria Domingas era uma mulher extremamente atual, até mesmo na forma como se relacionava com os homens. Numa sociedade patriarcal, ainda longe da emancipação feminina, a Mazzarello sabia respeitar, apreciar, por vezes até tolerar, a autoridade dos homens com quem tinha de lidar, mantendo, no entanto, a sua liberdade de opinião e discernimento, conseguindo propô-la com decisão até conseguir alcançar os seus objetivos.

Já falámos da relação com o alfaiate Valentino Campi, mas as figuras fundamentais para Maria Domingas foram três outros homens a quem ela soube obedecer, mas num contexto de "igualdade" inteligente que, ainda hoje, tem muito a ensinar-nos. Uma troca serena e equilibrada, caracterizada pela **autonomia** e **complementaridade**, construída com mansidão e decisão, inteligência e humildade, mas bem arraigada segurança e capacidade de avaliação.

Giuseppe Mazzarello, o pai. Figura fundamental para o crescimento e formação de Maria Domingas. Compreende e valoriza as suas qualidades, é uma figura de referência segura, autorizada, sábia, embora não tenha qualificações, transmite à filha, juntamente com a sua esposa, os «fundamentos» da fé cristã. Embora mantendo sempre o seu papel de chefe de família, nunca exerceu a força, mas guiará Maria a um amadurecimento interior e ao desenvolvimento de uma grande capacidade crítica e autocrítica e de discernimento que ela saberá utilizar com as suas jovens. Dotada da grande capacidade de deixar espaço àquilo que lia como projeto de Deus para a vida da filha, sempre com fé e caridade, Maria Domingas recordará muitas vezes a figura do seu pai com muito carinho e admiração ("O pai falava muito pouco e todos corriam para lhe obedecer" (7)

Don Domenico Pestarino nasceu em Mornese em 1817, estudou no seminário de Acqui e depois em Génova. Voltou para Mornese e manteve relações com o clero culto genovês. Oriundo de família rica, desejava preservar a igreja local do jansenismo e movia-se com inteligência, humildade, bondade, grande disponibilidade com todos. Muito em breve se tornou a referência espiritual de Maria Domingas e das Filhas da Imaculada, mas percebeu logo que, sobre Maria Domingas, havia um projeto especial e "começou a cultivá-la com um empenho muito particular" (8), gradualidade e continuidade foram as duas figuras mais importantes que ele usará com Maria Domingas, e Maria Domingas confrontar-se-á, confiará, aconselhar-se-á com don Pestarino que a orientará, deixando-lhe a autonomia necessária para levar por diante a sua missão.

Don Bosco: o encontro com Dom Bosco pode definir-se como “amor à primeira vista”. "Dom Bosco é um santo e eu sinto-o!" (9) afirmará Maria Domingas durante uma das visitas de Dom Bosco a Mornese. No entanto, apesar de tanta admiração e devoção sincera, todas as afinidades que ligavam Maria Domingas às pedras angulares da espiritualidade da Congregação Salesiana, - basta pensar nos dois "pilares", as colunas do carisma salesiano, a Eucaristia e a devoção mariana, - não impediram que Maria Domingas imprimisse aos ensinamentos de Dom Bosco uma marca tipicamente feminina. Um sistema preventivo conjugado no feminino, com as nuances da humanidade, do cuidado, atenção às exigências individuais de cada jovem. Como leiga, antes mesmo de ser consagrada, a sua relação era materna, embora exigente, atenta também aos pormenores, um amor preveniente e concreto, quase que...talhado por medida à personalidade e à história de cada jovem que encontrava, ou melhor, que ...Maria Auxiliadora lhe confiava.

4) A pedagogia preventiva de Maria Domingas Mazzarello

Após várias vicissitudes e mudanças a Oficina tornou-se uma realidade florescente.

Maria Domingas e Petronila trabalharam muito e com carinho e os seus serviços foram muito solicitados não só pelo que, hoje, definiríamos uma excelente relação de qualidade / preço, mas pelo valor acrescentado de atenção e caridade que era dirigido às jovens, às mães da terra e dos arredores que mandavam de bom grado à “Maria da Valponasca”, às próprias mulheres, sempre acolhidas, apoiadas, aconselhadas e qualquer “cliente” que se dirigisse a elas para pedir um serviço.

Maria Domingas assumia um papel indiscutível de “liderança”, mas tinha criado uma “equipa” com a qual “trabalhar em rede” e responder, com diligência e da melhor forma possível, aos apelos, pedidos e necessidades. Sempre em clima de familiaridade autêntica e de alegria que se combinava, nos momentos e formas adequados, com a formação espiritual, a catequese, uma espiritualidade sincera imersa na vida quotidiana.

Como se sabe, da Oficina passou-se para o Oratório e, depois, para o primeiro "núcleo" do Colégio, quando começaram a ser acolhidas as primeiras crianças também durante a noite e Maria e Petronila foram deixando, gradualmente, as suas próprias famílias.

O trabalho era o ponto de partida de um projeto educativo e apostólico amplo.

E não faltava, pela assiduidade contínua, a força e a tenacidade de Maria Domingas, de Petronilla e, infatigavelmente, se subdividiam entre o cuidado das meninas e a procura de trabalho também nas regiões vizinhas.

Não faltaram pedidos, nem mesmo autonomia económica considerada fundamental, para evitar retrocessos, passos mal-sucedidos, ou mesmo solicitações de don Pestarino ou de don Bosco.

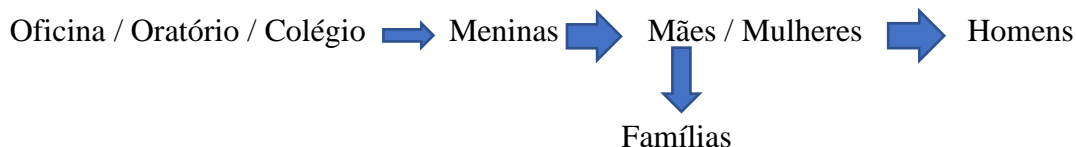
É interessante notar que as entradas são referidas com uma certa precisão:

Maria Domingas, que se dedicava aos trabalhos de costura, ganhava 2 liras, 2 liras e 50 por dia, Petronilla, que se ocupava da roupa, 1 lira e 50 ou 2. Havia depois as pequenas receitas para os trabalhos das meninas, as modestas mensalidades das internas para quem pudesse pagar e depois muito, muito trabalho e um estilo de vida extremamente sóbrio.

Hoje, esse tipo de estratégia organizacional, nos nossos dias, seria denominado "self-empowerment" ou seja protagonistas conscientes da própria vida, conseguindo valorizar as próprias competências a ponto de as fazer render na sua máxima expressão. Tornar-se artífices autónomas da sua própria existência. Na base deste processo (que não é uma novidade de hoje, se pensarmos na parábola evangélica dos talentos e no "ponto acessível ao bem" que Dom Bosco considerava existir em cada jovem), há uma grande esperança no futuro, a abertura às oportunidades sempre novas e à melhoria contínua.

No nosso caso, uma mais-valia de grande importância: a fé. É a característica particular que este percurso, vivido em primeira mão por Maria Domingas numa época histórica em que era praticamente impensável que viesse a tornar-se um dos aspetos mais importantes do sistema educativo para meninas e não só.

A atividade educativa de amplo raio da Oficina / Oratório / Colégio tinha, de facto, um impacto imediato nas Meninas, secundariamente nas suas Mães e nas Mulheres de Mornese e de toda a zona, até chegar aos Homens e, conseqüentemente, às Famílias (este era um dos objetivos do apostolado de don Pestarino que viu realizado em Maria Domingas).



A dimensão apostólica da atividade da leiga, Maria Domingas, foi, portanto, também inserida no contexto social, antecipando os princípios da subsidiariedade e da participação social, temas do atual debate socioeconómico e valores do Documento Identitário da Confederação das Ex-Alunas.

Documento em que encontramos também a solidariedade e a reciprocidade ou a experiência de Maria Domingas desde a infância, a gratuidade e os princípios de respeito pela dignidade da pessoa humana, solidariedade e liberdade, temas que tivemos oportunidade de abordar nesta breve apresentação.

Começamos com a família. Uma numerosa família de camponeses, simples e bela, da fração dos Mazzarelli, em Mornese, para voltar a falar sobre a família: as famílias de hoje que nos interpelam com todas as suas necessidades, em todos os países do mundo, a Família Salesiana e a Família das Ex-Alunas e Ex-Alunos. Uma família que nasceu da experiência da paternidade de Dom Bosco e da maternidade de Maria Domingas Mazzarello e que conjuga, num contexto de corresponsabilidade, a dimensão laical com a dimensão de consagração.

Este aspeto muito importante é evidente na história de Maria Domingas Mazzarello, mulher que soube ser plenamente mãe, tanto como leiga, como consagrada. Com efeito, do ponto de vista cronológico, mais como leiga do que consagrada, considerando o tempo necessário à fundação do Instituto, Monumento vivo de agradecimento a Maria Auxiliadora. Seja como for, a sua vida ainda hoje nos fala, nos interpela, leigos, mulheres e homens, e nos convida a ser sinal de vida, de tenacidade e esperança no nosso mundo. Um desafio a colher, como Maria Domingas soube aceitar aquelas que se lhe apresentavam, transformando-as por meio de percursos e objetivos racionalmente impensáveis.

Mas, como Ela, também nós sabemos que ...nada é impossível a Deus.